

**Análise sobre a construção da autonomia do indivíduo portador de TEA através da
série *Atypical***

*Felipe Esmanhotto da Silva¹, Gisela Mantelli², Ian Norberto Sena da Silva³, Thuany Cardoso
Silva⁴*

¹⁻⁴Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa
Catarina

Resumo

O presente artigo teve como objetivo compreender o processo de construção da autonomia do indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) leve. Através dele, buscou-se descrever como a relação paciente-terapeuta auxilia no processo de autonomia do indivíduo portador do Transtorno do Espectro Autista; identificar de que modo a relação familiar influencia no desenvolvimento e na autonomia desse sujeito e descrever a forma como a pessoa com TEA pode buscar desenvolver sua autonomia. A partir disso, foi realizada uma observação da série de comédia dramática norte-americana “*Atypical*” e definidas três categorias de comportamento: relação paciente-terapeuta, busca pela autonomia e suporte familiar, relacionando cinco cenas selecionadas com o desenvolvimento da autonomia do indivíduo com TEA e o contexto que abarca esse processo. Nesse sentido, concluiu-se, que a relação paciente-terapeuta e o suporte familiar constituem importantes bases para a construção da autonomia do indivíduo com TEA, bem como outros ambientes que compõem o seu contexto. Ademais, foi possível verificar que a pessoa com TEA é capaz de conquistar certo nível de autonomia, que varia de acordo com o grau diagnosticado e características específicas de cada um.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; autonomia; suporte familiar; relação paciente-terapeuta.

Introdução

A concepção social acerca das pessoas portadoras de quaisquer anomalias físicas ou mentais nos séculos XIX e XX caracterizava-se pela exclusão e opressão. A corponormatividade estabelecida na Idade Média perdurou no pensamento da sociedade desta época, de modo que aqueles que não se adequaram às normas comportamentais e corporais pré-definidas eram duramente julgados e sentenciados aos manicômios (Foucault, 1978). Sem mencionar que a visão biologicista e unilateral estabelecida pelas ciências da natureza concebiam o corpo como objeto de estudo, de modo que os portadores de quaisquer anomalias eram reduzidos a sua dimensão corporal e desconsiderados de sua subjetividade (Oliveira, 2009).

A partir da segunda metade do século XX, os movimentos políticos em prol dos direitos das pessoas com deficiência começam a ganhar destaque. A mudança do modelo biomédico da saúde para o modelo social favoreceu a luta antimanicomial das pessoas portadoras de deficiência, e, conseqüentemente, contribuiu com a erradicação de diversas práticas invasivas e agressivas que eram direcionadas a esse grupo, como a eletroconvulsoterapia. Nesse sentido, aos poucos consolida-se a Reforma Psiquiátrica, abarcando novas concepções sobre as deficiências e transtornos (Oliveira, 2009), como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), iniciando a discussão de que essas pessoas teriam sim a capacidade de exercer seus direitos e sua cidadania.

Atualmente, o TEA é definido, conforme a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, como "déficits persistentes na comunicação e interação social [...] e padrões de comportamento restritos e repetitivos" (APA, 2014, p.50). Tal definição é fruto de diversas adaptações das pesquisas realizadas no século XX, tendo como pioneiro o psiquiatra Leo Kanner em 1943 (Bosa & Callias, 2000). Esses estudos

contribuíram para o entendimento desse transtorno e serviram de base para outros estudos na área, apesar de seguirem o modelo biomédico de concepção da saúde, modelo extremamente biologicista e capacitista (Gesser et al., 2020).

Os sintomas responsáveis pelo diagnóstico do TEA, na maioria dos casos, se manifestam precocemente, sendo a causa etiológica desse transtorno ainda desconhecida. Ademais, o contexto influencia significativamente no curso desse transtorno, de modo que a ausência ou presença de certos estímulos corroboram com o comprometimento de algumas habilidades (Cunha & Jardim, 2020). As manifestações do transtorno variam muito e dependem da gravidade da condição da pessoa com TEA, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica. (Christmann et al. , 2017).

O nível 1, classificado como “exigindo apoio” (também chamado de leve), enquadram os indivíduos que, na ausência de um responsável, apresentam dificuldades para iniciar alguma interação e possuem comportamentos atípicos quando colocados em situações que exigem contato social. É importante destacar que portadores do TEA classificados nesse nível conseguem estabelecer uma certa interação social, ainda que com certa dificuldade e estranheza em relação ao outro (APA, 2014).

O nível 2, conhecido como moderado, abarca aqueles que têm maior comprometimento de interação com o outro, seja na comunicação verbal ou não-verbal, mesmo com apoio de terceiros, com acentuado estranhamento em seu comportamento social. Apesar de necessitar de demasiada dependência, o indivíduo classificado com transtorno moderado é intermediário entre os dois extremos do nível 1 e nível 3 - comprometimento mais superficial e mais suscetível a melhoras conforme os estímulos recebidos do ambiente e comprometimento significativo e mais rígido, respectivamente (APA, 2014).

O nível 3 caracteriza-se pelo comprometimento grave, de modo que o indivíduo possui extrema dificuldade de realizar a comunicação verbal e não-verbal de forma concreta e

sua interação geralmente se limita apenas a reações diretas a alguns estímulos ambientais, dependendo na maioria das vezes de terceiros para a realização de tarefas. O comportamento daqueles classificados no nível 3 se apresenta total ou aproximadamente inflexível, com significativos problemas em relação a quaisquer mudanças (APA, 2014).

A delimitação desses níveis influencia diretamente no grau de autonomia que a pessoa com TEA consegue alcançar, conforme suas especificidades. É importante destacar que a pessoa com TEA classificada no nível 3 dificilmente irá atingir o grau de autonomia que aquele enquadrado no nível 1 provavelmente consiga alcançar, justamente por possuir mais limitações dentro de seu diagnóstico (NeuroSaber, 2020).

Dessa forma, para que o indivíduo com TEA possa atingir determinado grau de autonomia dentro de seu quadro, o contexto no qual ele se insere deve apresentar estímulos que proporcionem tal resultado. Vale ainda ressaltar que o diagnóstico tardio desse transtorno pode atrasar diversas áreas do desenvolvimento, de modo que se faça necessário uma intervenção maior para que elas se desenvolvam (Camargo & Bosa, 2009).

Cabe destacar que existem casos de pessoas com TEA que possuem alto funcionamento, isso costuma ocorrer nos casos de TEA moderado ou grave, e pouco nos casos leves. A criança classificada nesse tipo de autismo geralmente apresenta alto nível de habilidade em algumas áreas, como as de organização e gestão, enquanto outras ainda permanecem comprometidas. A maior parte dos casos diagnosticados com TEA de alto nível se destacam até mesmo dos não portadores em suas habilidades, no entanto, geralmente apresentam grave comprometimento na fala, nas interações sociais e nas atividades cognitivas. (NeuroSaber, 2020)

Conforme Castegnaro & Romano (2017), o meio no qual a pessoa com autismo se insere deve proporcionar o desenvolvimento de sua autonomia na mesma medida em que considera suas limitações. Estes autores consideram que é possível que o indivíduo com TEA

possa conviver em sociedade e contribuir para o crescimento da mesma, de modo que ele possa fazer uso de suas potencialidades como qualquer outra pessoa. Nesse sentido, destacamos dois principais meios que influenciam de maneira direta na estimulação do desenvolvimento do ser humano no geral: o ambiente familiar e escolar, e a forma como a terapia contribui com a inserção do indivíduo nesses ambientes

A família é o primeiro contato que qualquer indivíduo tem com o outro. O convívio familiar influencia em todos os relacionamentos da pessoa com terceiros, se tornando modelo e estimuladores do desenvolvimento. Sendo assim, existe um alto nível de dependência da pessoa com TEA sobre os integrantes desse núcleo durante a sua vida. (Christmann, et al., 2017).

A estimulação e incentivo que o indivíduo com TEA recebe da família desde o seu diagnóstico tem impacto em toda a sua vida. O meio familiar constitui um dos principais pilares para que qualquer pessoa possa construir sua independência (Libanori, 2014), e ganha ainda mais destaque nesse processo dentro do TEA. Sabe-se que a estimulação advinda desse ambiente durante a infância da criança com TEA têm papel significativo na forma que a mesma irá se portar no meio social quando adulta, podendo seguir um curso mais autônomo ou não. Bosa (2006) reconhece a existência de estudos realizados sobre o TEA que tratam da importância do impacto familiar no desenvolvimento da autonomia do indivíduo, porém pouco se sabe sobre o modo como os estímulos advindos desse meio interagem na constituição desse indivíduo na vida adulta (Bosa, 2006).

O segundo pilar que contribui na estruturação da independência e autonomia do indivíduo é atribuído ao ambiente escolar. É nesse meio que as crianças estabelecem seu primeiro contato social fora da sua zona de conforto oferecida pela família, interagindo com seus pares. Essa interação também é muito benéfica para as crianças com TEA, que, dentro das suas limitações, recebem estímulos para se integrarem com as demais crianças. O

processo educacional desse grupo de crianças se diferencia do processo comum, pois o TEA é perceptível desde os primeiros anos da infância, levando os pais e educadores a tomarem medidas alternativas para que a escola torne-se um ambiente de desenvolvimento de competências sociais (Camargo & Bosa, 2009).

A interação proporcionada pelo meio escolar faz com que o indivíduo com TEA estabeleça outros modelos de relacionamento além dos fornecidos pelo meio familiar, apesar das dificuldades que ele apresenta para compreender de que forma que este último ocorre. Sendo assim, o convívio nesse ambiente proporciona para a criança com espectro uma vivência inclusiva e estimuladora, desafiando sua capacidade interacional e contribuindo para a construção de sua identidade e autonomia, ao passo que ela convive com outros da sua mesma faixa etária (Camargo & Bosa, 2009).

Além desses dois pilares contextuais, as terapias também têm se mostrado eficientes contribuintes nesse processo de construção da autonomia do indivíduo com TEA, em especial a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) (Teodoro, 2018), Terapia Ocupacional (Saval, 2018) e Análise Aplicada do Comportamento (Louyse, 2017). A TCC é realizada especialmente em crianças e adolescentes com TEA de nível leve, em casos de TEA moderado ou severo, o resultado dessa abordagem terapêutica pode ser comprometido (Teodoro, 2018). A Terapia Ocupacional é observada na aplicação de testes cognitivos e de desenvolvimento, através da avaliação terapêutica ocupacional, com uma visão mais objetiva e classificatória acerca do TEA e não necessariamente uma atuação sobre a evolução do transtorno (Saval, 2018). Por fim, a Análise Aplicada do Comportamento busca o aperfeiçoamento dos comportamentos apresentados por pessoas com TEA, de modo que eles consigam emitir comportamentos mais assertivos e compreender com mais facilidade as nuances das trocas emocionais” (Louyse, 2017).

Ademais, a escolha deste tema se baseia na importância da inclusão da pessoa com TEA dentro da sociedade contemporânea. Com o avanço da ciência e a conquista de direitos, a inserção da pessoa com TEA no meio social é uma realidade em todo o mundo. A série *Atypical* corrobora com essa nova visão do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que ilustra como um indivíduo com TEA leve é capaz de assumir responsabilidades e exercer sua autonomia.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo compreender o processo de construção da autonomia do indivíduo com TEA leve. Busca-se descrever como a relação paciente-terapeuta auxilia no processo de autonomia do indivíduo portador do Transtorno do Espectro Autista; identificar de que modo a relação familiar influencia no desenvolvimento e na autonomia desse sujeito; e descrever a forma como a pessoa com TEA pode buscar desenvolver sua autonomia.

Método

Caracterização do estudo

Esse trabalho foi realizado através da análise da série de comédia dramática norte-americana “*Atypical*”, escrita e dirigida por Robia Rashid e produzida pela Netflix. A série foi lançada em 2017 e atualmente conta com 4 temporadas com média de 10 episódios em cada uma, com duração média de trinta minutos cada um.

A série conta sobre o processo de construção da autonomia de Sam Gardner (Keir Gilchrist), diagnosticado desde seus 4 anos com TEA leve. Sam é representado no seriado como um adolescente que, apesar de seu diagnóstico, também possui desejos, fascínios, habilidades e conflitos como todos os demais personagens.

De modo geral, o seriado trata sobre os desafios vivenciados por Sam e como o TEA influencia em todos os aspectos da sua vida, contudo, sem restringir o personagem a se

dedicar àquilo que ele almeja, como namorar, ir a escola, ter seu próprio emprego, administrar seu próprio dinheiro, entre outras atividades que compõem a vida de qualquer pessoa. Pode-se perceber uma evolução na autonomia do personagem ao longo das temporadas: no início da primeira temporada, frequentava a mesma escola que a irmã, Casey, que ganha uma bolsa de estudos ainda na mesma temporada e passa a estudar em outra escola, de modo que Sam assume um alto grau de autonomia nesse meio. Ele também não tinha perspectiva de sair da casa dos pais, e, ao final do seriado, consegue frequentar uma faculdade.

Participantes

Sam Gardner:

Sam é um jovem de 18 anos (idade do participante ao final da série) diagnosticado com grau leve do Transtorno do Espectro Autista aos seus 4 anos de idade. Ele é branco, magro, olhos grandes e castanhos, cabelos curtos e também castanhos, classificado na classe média-alta dos Estados Unidos da América. No início do seriado, o personagem frequentava o último ano do ensino médio, ao final da 2ª temporada ele se forma e entra para a universidade de Denton, onde passa as próximas 2 temporadas cursando disciplinas que envolvem sobretudo artes e biologia. Ele possui grande afeição por pinguins e todo o ambiente que envolve esses animais, e um significativo potencial para desenhar, de modo que elabora diversos desenhos em seu caderno sobre os pinguins e, para seu ingresso na universidade, elabora um portfólio com diversos desenhos sobre pinguins. Outra característica marcante em Sam é o notável nível de organização e disciplina que apresenta, sempre se baseando em regras de conduta para nortear seu comportamento, inclusive em seus relacionamentos, apresentando também grande afeição por listas e lembretes.

Procedimentos

A série foi assistida pelos integrantes do grupo e alinhada conforme os objetivos desta pesquisa, com enfoque nas duas primeiras temporadas. A sua escolha se deu através da relevância com o tema da pesquisa, bem como o reconhecimento que o seriado tem pela comunidade das pessoas com deficiência no geral, que lutam contra o capacitismo e a lógica manicomial. Para a realização da pesquisa, distinguem-se três categorias de comportamento da série: a relação paciente-terapeuta, a busca pela autonomia e o suporte familiar. A definição dessas categorias se baseia no significativo auxílio que elas fornecem na construção da autonomia do indivíduo portador de TEA. A partir disso, foram selecionadas cinco cenas da série que exemplificam e representam a maneira como essas categorias de comportamento auxiliam na construção da autonomia da pessoa com TEA, relacionando-as com as referências bibliográficas utilizadas na fundamentação desta pesquisa.

Categorias de Comportamento:

Relação paciente-terapeuta: O terapeuta faz uso da sua escuta e observação dos relatos dos problemas do paciente, que pode estar em sofrimento psíquico ou necessitar de alguma orientação. De modo geral, o paciente comunica o que julga ser pertinente para o terapeuta, que escuta, reflete e intervêm fazendo perguntas quando necessário. Nesse sentido, o terapeuta deve apresentar uma postura neutra, imparcial, livre de julgamentos, sempre questionando a fim de incentivar o relato do paciente. Ele também deve evitar demonstrar comportamentos que sejam interpretados de forma negativa ou desrespeitosa pelo paciente (rir ou debochar de algum relato). Observa-se quando o terapeuta e o paciente trabalham juntos no melhoramento do quadro psíquico do paciente, de modo que amenize os seus conflitos internos. Essa relação se estabelece através do diálogo, em um horário específico que agrade ambas as partes.

Busca pela autonomia: A busca pela autonomia pode ser definida como um meio do sujeito buscar liberdade para exercer suas vontades e desejos de forma “livre”, se desvencilhando e demonstrando interesse em tomar suas próprias decisões. O desenvolvimento da autonomia pode ser retratado logo quando o indivíduo começa a realizar pequenas tarefas: comer sozinho; tomar banho sozinho; se vestir sozinho. Na medida que se alcança o sucesso na realização de pequenas atividades de modo individual, as tarefas tendem a adquirir uma dimensão mais complexa: ir à escola sozinho; dirigir sozinho; administrar o próprio dinheiro. Ao se afastar gradativamente dos familiares e atingir a independência financeira o jovem normalmente se encontra em uma situação de liberdade superior à vivenciada em fases anteriores da vida.

Suporte familiar: O suporte familiar ocorre quando a família (pai, mãe, irmão (a), ou demais responsáveis) dirige apoio ao sujeito em momentos que ele se apresenta frágil, ou o encoraja quando precisa enfrentar algum desafio. Nessa categoria, se enquadram comportamentos como; abraçar, comunicar apoio, carinho e preocupação, escutar os problemas do indivíduo e tentar ajudar a solucioná-los, estimular a fazer o mesmo seguir seus desejos através de frases como “você consegue”.

Resultados e discussões

A partir do proposto pelo presente trabalho, foram selecionadas cenas da série “Atypical” para serem analisadas e discutidas, a fim de ilustrar a relação paciente-terapeuta, a busca pela autonomia e o suporte familiar que se apresenta na vida de Sam. Nesse sentido, a definição das cenas foi norteadas pelas categorias de comportamento descritas acima.

Relação paciente-terapeuta

Conforme ilustrado no embasamento teórico, alguns estudos como os realizados por Teodoro (2018), Saval (2018) e Louyse (2017) retratam a contribuição das terapias para a adaptação e o desenvolvimento das pessoas com TEA, de modo que elas consigam se inserir no meio social com menos dificuldades. Nesse sentido, o 1º episódio da 1ª temporada da série “Atypical” exemplifica o quão benéfica pode ser essa relação.

Na cena selecionada neste episódio, Sam se encontra sentado em uma cadeira, em frente a Julia, sua terapeuta, mulher morena, com traços asiáticos. Sam segura um lápis e um elástico amarelo de dinheiro nas mãos e realiza movimentos repetitivos, pressionando o lápis contra o elástico (ação que Sam faz quando está desconfortável/ansioso). Ele está em uma das suas sessões de terapia, respondendo uma pergunta de Julia:

— Eu sou um esquisito. É o que todos dizem. Às vezes não entendo o que os outros querem dizer e acabo me sentindo só, mesmo com outros ao meu redor. Só consigo me sentar e mexer os dedos, que é meu comportamento autoestimulante. Eu bato uma caneta em um elástico com determinada frequência e penso no que nunca poderei fazer, como pesquisar pinguins na Antártica ou ter uma namorada.

Após Sam encerrar sua resposta, Julia faz comentários estimulantes sobre a resposta de Sam, elogiando-o. No final da sessão, ela acrescenta:

— E, Sam... Sabe aquilo que disse sobre ter uma namorada? Pessoas no espectro namoram. Pode tentar encontrar alguém se quiser.

— Como?

— Você só precisa ir atrás.

— Ir aonde?

Posterior a esta cena, pode-se observar que Sam passa a refletir sobre ter uma namorada, como é retratado em outras cenas ainda no mesmo episódio. A partir disso, fica clara a influência da terapeuta em seu comportamento, de modo que esta oferece uma outra visão sobre a realidade de Sam, na qual ele é capaz de se envolver emocionalmente com alguém mesmo possuindo TEA.

Outra contribuição da terapia para o desenvolvimento da autonomia de Sam pode ser retratada no 3º episódio ainda da 1ª temporada, na qual Sam fala para Julia que precisa de roupas novas, após uma garota comentar que ele usa sempre as mesmas roupas:

— Eu preciso de roupas novas.

— Certo. Por quê?

— Garotas gostam de quando garotos usam vários tipos de camisa. Por quê?

— Acho que para entender qual é seu estilo. Ele diz algo sobre a pessoa.

— Como as iguanas, que balançam a papada colorida para atrair as fêmeas?

- *Exatamente assim. Eu acho. Como você escolhe suas roupas hoje?*
- *Eu não escolho. Minha mãe escolhe. Sua mãe não escolhe suas roupas?*
- *Não mais. Talvez seja a hora de escolher as suas próprias roupas.*
- *Mas... Como? Há tantas roupas. E diferentes cores, tamanhos e estampas. Esta camisa é “cinza névoa”, mas névoa nem é uma cor. É translúcida.*
- *Escolha algo que combine com você. Quando for morar só, terá que escolher suas roupas. Você consegue, Sam. Acho que há um cara estiloso aí.*
- *No caso eu, certo?*
- *Sim.*

Primeiramente, pode-se observar que a terapeuta trabalha para reverter a visão que Sam possui sobre si mesmo, fazendo com que assuma algumas responsabilidades de sua vida, como comprar suas próprias roupas, descobrir seu próprio gosto, aquilo que ele mesmo quer para vestir e que componha a sua identidade. Conforme Moura (2018), aquilo que vestimos expressa o que somos para o mundo, uma linguagem não-verbal que contém um traço da personalidade do indivíduo. Sem mencionar que Sam, assim como muitos outros jovens de sua idade, busca a aprovação dos demais no ambiente escolar. Ele quer roupas novas pois as “garotas gostam de caras que usam vários tipos de camisa”.

Em segundo plano, a terapeuta começa com a implementação de práticas simples que culminam na construção da autonomia de Sam, mas com uma finalidade maior. No momento, comprar suas próprias roupas não parece ser uma tarefa impossível para Sam, mas sim algo que ele será capaz de realizar. Observa-se a construção da terapeuta para que Sam possa adquirir maior grau de autonomia posteriormente, quando ele for morar sem os pais. Para que atinja essa capacidade autônoma, Sam precisa aprender a assumir responsabilidades menores.

Dessa forma, fica clara a importância do papel desempenhado pelo terapeuta na orientação do indivíduo com TEA para a construção de sua autonomia. Apesar das referências bibliográficas abordarem terapias específicas, sobretudo nos estudos norte-americanos acerca do TEA, vale ressaltar que as demais linhas teóricas da psicologia também reconhecem a importância do terapeuta no desenvolvimento de pessoas com TEA (Souza, 2004).

Busca pela autonomia

De acordo com a literatura abordada nessa pesquisa, a busca pela autonomia se apresenta em todo o ser humano desde a sua infância, quando este começa a realizar atividades com um certo grau de liberdade (Salles, 2005), como se locomover sem depender de seus responsáveis, por exemplo. Nesse sentido, pessoas com TEA também passam por processos que desenvolvam sua autonomia como os demais neurotípicos, dentro de seu próprio quadro limitativo.

Sendo assim, o personagem Sam apresenta o comportamento de busca pela sua autonomia, como pode ser ilustrado pelo 3º episódio da 2ª temporada, quando Sam decide que quer ir para a faculdade. A sua decisão foi influenciada pela coordenadora do grupo de apoio para estudantes no espectro e orientadora da escola, a Sra. Whitaker (mulher branca, corpulenta, com cabelos escuros e de baixa estatura), que chama Sam e seus pais para discutir as possibilidades dele após o Ensino Médio. Após a reunião com a Sra Whitaker e a discussão no grupo de apoio sobre o ingresso na universidade, Sam decide que também quer acesso à educação superior.

Seus pais estão na cozinha de casa, quando Sam chega e os comunica:

— Decidi que quero fazer faculdade fora daqui. E eu sei que algumas coisas podem ser difíceis ou assustadoras, mas tudo está mudando aqui também, então eu consigo lidar. E eu vou pedir ajuda se precisar. Porque mudanças são inevitáveis. E eu vou me formar, gostando ou não, então é melhor eu me preparar para o Abismo. Sinto muito mãe.*

Após essa cena, Sam começa então a se preparar para ingressar na universidade. Essa preparação também contribui para a consolidação de sua identidade e autonomia, pois ele precisa decidir de que forma vai querer chamar a atenção dos olheiros da universidade para ser escolhido no processo seletivo, bem como o que vai querer estudar quando ingressar na universidade, contando com a ajuda da orientadora da sua escola.

Outro momento que remete à busca pela autonomia de Sam está presente no 5º episódio da 2ª temporada, quando ele decide se responsabilizar pelo seu próprio dinheiro. *Sam está participando de seu grupo de apoio, no qual a Sra. Whitaker pergunta qual dos participantes possuem um emprego. Sam levanta a sua mão junto com alguns outros*

participantes quando uma menina, Amber (adolescente da mesma idade de Sam, negra, cabelos e olhos escuros), também diagnosticada com TEA, pergunta:

— O que você faz com seu dinheiro? Estou guardando o meu para comprar um desfibrilador.

— Meu chefe, Bob, me dá um cheque uma quinta-feira sim, uma não, e eu levo para casa e dou para a minha mãe, que o deposita.

— Não tem sua própria conta bancária? Que bebê.

Após o encontro com o grupo de apoio, Sam vai para sua casa. Ao encontrar sua mãe, Elsa (mulher loira, branca, de baixa estatura, com características européias), na cozinha, ele fala:

— Preciso de uma conta bancária.

— Bom dia para você também, Sr. Rockefeller.

— Por que ele é rico?

— Sim.

— E estou falando sobre dinheiro?

— Quanto mais eu explico, menos tem graça.

— Tanto faz. Eu não posso aprender a controlar meu dinheiro sem uma conta no meu nome.

— Mas você já tem uma conta no melhor banco da cidade: o Banco da Elsa. Não precisa esperar na fila porque eu deposito todos os seus cheques. Não precisa ir no caixa eletrônico porque eu sempre te dou dinheiro. E ganha um abraço grátis com cada operação, ou mesmo sem fazer nada. — Fala enquanto caminha em direção a Sam, contornando a mesa. Elsa abraça Sam.

O pai de Sam, Doug (homem branco e corpulento, alto, loiro), se aproxima da cena.

Ainda com os braços de sua mãe ao redor de seu pescoço, Sam fala:

— Quero fechar minha conta — diz, se referindo a conta no banco de sua mãe.

— Querido, você quer sua conta própria. Eu entendo, mas não acho que seja uma boa ideia. Lidar com dinheiro é muita responsabilidade, é estressante.

— Está tudo bem. Deixe-o ter uma conta bancária — diz Doug, entrando na conversa pela primeira vez.

— Obrigado, Sr Rockefeller — diz Sam, retomando o termo utilizado pela mãe no início do diálogo.

— Sério? — Questiona a mãe.

— Sim, ele é mais responsável que a maioria dos adolescentes e adultos que eu conheço — Afirma o pai, apoiando o filho.

A partir dessa cena, pode-se analisar a insistência de Sam em abrir sua própria conta no banco e adquirir um elevado grau de autonomia financeira. Ele acredita estar tão capacitado quanto qualquer outro jovem e adulto neurotípico a se responsabilizar pelo seu próprio dinheiro. Também é possível relacionar a resistência da mãe com a preocupação que os pais têm com o preconceito e barreiras que as pessoas com TEA possuem ao se inserirem em outros contextos sem sua supervisão (Guesser et al., 2020), bem como o receio que a maioria das mães passa quando seus filhos exigem o reconhecimento de sua autonomia (Steffens, 2018), como Sam exigiu de sua mãe.

É importante destacar, também, que tanto o ingresso na universidade, quanto a responsabilidade financeira se configuram como episódios importantes no rito de passagem para a vida adulta do ser humano (Souza & McCarthy, 2010). Sem mencionar que o meio escolar, no qual promove essa troca de pares, se mostrou crucial na decisão de Sem em ir para a universidade, pois foi a partir da Sra Whitaker, orientadora da escola, que ele passou a considerar essa opção. Nesse sentido, assim como outros jovens neurotípicos da sua idade, Sam também passa por estes rituais, a fim de adquirir maior autonomia em sua vida e conseguir ingressar na vida adulta com mais facilidade.

Por fim, mas não menos importante, a busca pela autonomia tangencia as demais categorias (relação paciente-terapeuta e suporte familiar). Por mais que Sam tome a iniciativa de adquirir maior grau de autonomia e responsabilidade sobre si mesmo, isso só se consolida graças ao apoio e intersecção com a sua família e demais pessoas que compõem o seu círculo social.

Suporte familiar

A partir do que foi supracitado, reconhece-se a importância do suporte familiar na constituição da autonomia da pessoa com TEA. Essa categoria não só influencia na construção desse aspecto como também em diversos outros, como relacionamentos, organização, cuidados, de modo que todos estes estão intimamente relacionados. (Bosa, 2006)

O suporte familiar pode ser exemplificado pelo 10º episódio da 2ª temporada.

Na cena analisada neste episódio, Sam está na escola olhando o livro do anuário e ao se deparar com sua imagem riscada com os seguintes insultos maldosos “Aberração, maluco, esquisitão e perdedor” enquanto está tendo uma conversa com Paige (namorada de Sam, loira, branca, de estatura média-baixa), Sam apresenta sinais de irritação e incômodo.

— Sam, você está bem? Sam?

Sam, sem dar nenhuma resposta, se dirige até a mesária que está distribuindo os livros do anuário e pede outro livro.

— Preciso de outro anuário. — Diz ele

— Mas você já tem um. — Responde a mesária.

— Mas estragaram esse aqui, preciso de um novo.

— Qual o problema desse aí?

— Eu só preciso de um novo— Diz Sam, já apresentando um grande grau de irritação (comportamento inquieto, olhos esbugalhados) e com a voz elevada.

— Desculpa é um por pessoa.

Sam atira o livro contra a mesa, fazendo com que ela quebre e tudo se espalhe no chão. Com todos olhando para ele, Sam pega um dos livros do anuário que estão no chão e sai correndo.

Corta para outra cena com Sam sentado em frente ao aquário de pinguins. Sua família, que havia passado as últimas cenas procurando-o após o acontecido no colégio (cena descrita acima) chega ao seu encontro tendo previsto que Sam estaria num lugar onde se sente confortável e calmo.

— Oi! — Diz Elsa, sua mãe.

— E ai, carinha! — Diz Doug, seu pai, enquanto todos se sentam ao seu lado.

— Oi, Sam! - Diz Casey, irmã de Sam (menina adolescente, branca, alta, cabelos castanhos-escuros, magra, sem diagnóstico de TEA).

— Vocês perderam a hora da comida— Diz Sam ainda olhando para o aquário. — Foi uma loucura, péssimo dia pra ser um peixe.

— Quando tinha cinco anos, eu fiz uma lista. — Disse Elsa..

— Você puxou o amor pelas listas de sua mãe, ela adora uma lista. — Interrompe Doug.

— Adoro! Enfim, eu fiz uma lista de tudo que eu esperava pra você. Eu tentava controlar minhas expectativas. — Disse Elsa. — Olha! — Disse enquanto estendia sua mão e lhe entregava um papel dobrado.

Sam pega o papel dobrado, o abre e lê em voz alta.

— “Eu espero que ele faça amigos. Espero que ele consiga se comunicar claramente. Espero que ele possa sair de casa sozinho. Espero que ele se saia bem na escola. Espero que ele encontre algo que ame fazer”. Essas coisas são moleza.

— Não. — Diz Elsa. — Nunca foram, eram difíceis. Achava que você não ia fazer uma coisa e você fazia. Você é forte, é determinado! E desculpa por ter subestimado você com a faculdade, você pode fazer tudo! Às vezes não acredito que tenho filhos tão maravilhosos, tão bons e engraçados. — Enquanto todos olham para o aquário no qual os pinguins estão nadando

— Qual é a sua? — Pergunta Casey

— Aquela ali — responde Sam, levantando o dedo indicador para o aquário.

— Com a cabeça cinza? — Interroga Casey novamente.

— Não, a outra. — Diz Sam direcionando seu dedo indicador para o aquário.

— Ela é muito linda! — Diz Doug.

— É mesmo! — Responde Sam — Espero que os outros pinguins sejam gentis com ela.

— Mesmo se pegarem pesado com ela, você vai sempre apoiá-la. — Diz Doug e olha para Elsa.

Nessa cena descrita, onde o personagem Sam passa por um desafio e precisa se recompor após ter uma crise de estresse, é possível observar o apoio que sua família lhe oferece. Por mais que Sam pense que as atividades presentes na lista que sua mãe lhe deu

fossem simples, muitos portadores de TEA com grau severo ou moderado, por exemplo, não conseguiriam realizar grande parte delas.

Sendo assim, a busca pela autonomia do indivíduo, retratada no tópico acima, só se consolida se este se apresenta juntamente com o suporte familiar. Nenhuma das atividades realizadas por Sam seria possível caso seus pais se negassem a oferecer o suporte necessário, impedindo-o de entrar na faculdade ou de assumir seu financeiro. A família de Sam reconhece o seu esforço nas atividades diárias, como a conquista de seu trabalho, a aprovação na faculdade, a sua dedicação aos estudos, especialmente quando envolvem a biologia, entre outras tarefas que consegue desempenhar. Esse reconhecimento desempenha um papel muito importante no estímulo de qualquer pessoa, especialmente pessoas com TEA. Por serem a primeira relação do indivíduo com o meio social (Libaroni, 2016), o reconhecimento do meio familiar é crucial para que a pessoa acredite em seu potencial e possa continuar buscando a realização de seus desejos.

Considerações Finais

Conforme as discussões estabelecidas na fundamentação teórica e ilustradas pelos resultados e discussões através da análise de algumas cenas da série “Atypical”, pode-se inferir que as três categorias elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa não se apresentam de forma isolada. A relação paciente-terapeuta e o suporte familiar compõem uma sólida rede de apoio ao indivíduo com TEA em sua busca por autonomia, auxiliando-o na sua inserção no ambiente escolar e em demais contextos, de modo a desempenhar um papel importante nesse percurso.

O contexto no qual a pessoa com TEA se insere, apresenta estímulos que irão moldar o curso de seu desenvolvimento, podendo ser tanto favoráveis quanto desfavoráveis. Como a família constitui o primeiro ambiente no qual a criança irá receber estímulos, ela é o pilar

primário para a formação de um ser autônomo, seja ele com ou sem TEA (Libaroni, 2016). Vale ainda ressaltar que as relações estabelecidas no meio familiar servem como modelo, no qual o indivíduo irá basear os demais relacionamentos do meio social (Bee & Boyd, 2011). Essa influência do meio familiar fica ainda mais clara quando o indivíduo com TEA enfrenta alguma barreira social, podendo desencadear em uma crise, e a família consegue dar o suporte suficiente para sustentá-lo e motivá-lo a enfrentar essas dificuldades.

Outro ambiente que irá apresentar estímulos é o escolar, esse ambiente tangencia os demais aspectos da vida do indivíduo com TEA, no qual ele estabelece contato com os outros jovens da sua idade e, normalmente, busca pela interação, mesmo que de modo peculiar, com estes. É importante que crianças e jovens possam se sentir incluídos neste contexto, de modo que proporcione uma vivência enriquecedora e que possa contribuir para o seu desenvolvimento. Infelizmente, as ilustrações abordadas nessa pesquisa divergem muito da realidade apresentada nas escolas de países mais pobres, onde a inserção de crianças e jovens com TEA e demais deficiências ainda é marcada pela segregação e pelo capacitismo.

Desse modo, a atuação do terapeuta se situa no melhoramento da qualidade de vida do indivíduo com TEA, orientando sua inserção no meio social com maior autonomia. Souza (2004) destaca, também, a importância desse profissional na orientação da família da pessoa com TEA, de modo que ela consiga oferecer os estímulos necessários para um bom desenvolvimento desse sujeito. Nesse sentido, o terapeuta, além de contribuir com o atenuamento das dificuldades sociais do indivíduo com TEA, também se situa como moderador deste com o seu contexto, apresentando soluções que possam melhorar o convívio entre a pessoa portadora do transtorno e o meio no qual se insere, levando em consideração os desejos e a capacidade dessa pessoa em exercer sua subjetividade como qualquer outro.

É importante ressaltar a forma como a pessoa com TEA reivindica a sua autonomia dentro daquilo que é capaz de realizar. A partir da vivência de novas situações e o incentivo

mútuo dos agentes que permeiam o jovem, forma-se um processo de autonomia pautado na vontade de tornar-se responsável pelos próprios atos. Frequentemente situações de conflito consolidam-se como parte intrínseca ao processo de autonomia. A quebra de paradigmas diários relacionados à alimentação, vestuário e hábitos pode ser conflituosa, mas segue necessária para a adaptação do sujeito com TEA ao meio social.

Por fim, destaca-se a necessidade da divulgação de conhecimento nesta área, sobretudo para conscientizar a sociedade de que indivíduos com TEA possuem a capacidade de deter certo grau de autonomia conforme o seu diagnóstico e de atuarem no meio social, que ainda apresenta muitas barreiras para sua inclusão. Através de pesquisas sobre este assunto, é possível contribuir para que as famílias possam buscar orientação e procurar estimular a pessoa com TEA do modo mais apropriado de acordo com o seu nível de comprometimento, atenuando assim alguns dos comportamentos atribuídos ao transtorno.

Referências

- Associação Americana de Psicologia [APA]. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-V. Artmed (5ª ed.). (50-59) (94-103).
- Bee, H., & Boyd, D. (2011). Desenvolvimento de Relacionamentos Sociais. In: *A criança em desenvolvimento*. (pp 3017 - 335). Porto Alegre: Artmed
- Bosa, C. A. & Callias, M. (2000). Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. *Psicologia : Reflexão e crítica*. 13(1).
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000100017>
- Bosa, C. A. (2006). Autismo: intervenções psicoeducacionais. Porto Alegre.
<https://www.scielo.br/j/rbp/a/FPHKndGWRRYPFvQTcBwGHNn/?format=pdf&lang=pt>

- Camargo, S. P. H. & Bosa, C. A., (2009). Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*. 21(1). (65-74).
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/KT7rrhL5bNPqXyLsq3KKsGR/?format=pdf&lang=pt>
- Castegnaro, I & Romano, D. A. (2017). Autismo: um estudo de caso.
https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/26275_13130.pdf
- Christmann, M., Marques, M. A. A., Rocha, M. M. & Carreiro, L. R. R., (2017). Estresse materno e necessidade de cuidado dos filhos com TEA na perspectiva das mães. 2(12) (8-17). <http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v17n2p8-17>
- Cunha, K. S. & Jardim, D. B., (2020). A utilização da tecnologia para o desenvolvimento da autonomia de crianças com Transtorno do Espectro Autista.
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID5016_07082020125127.pdf
- Foucault, M. (1978). História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo. Perspectiva S. A. (pp. 7-90)
- Guessser, M., Böck, G. L. K., & Lopes, P. H., (2020). Estudos da deficiência. Curitiba: anticapacitismo e emancipação social. CRV editora.
- Louyse, D. (2017). Atypical: Análise do Comportamento Aplicada e Habilidades Sociais no Autismo. *Portal Comporte-se: Psicologia & AC*.
<https://comportese.com/2017/11/02/atypical-analise-do-comportamento-aplicada-e-habilidades-sociais-no-autismo>
- Libanori, A., (2016). A importância da família na formação de um indivíduo. Lire.
<https://editoralire.com/blogs/news/a-importancia-da-familia-da-formacao-de-um-individuo>
- Moura, L. L. (2018). Moda como expressão de identidade no mundo contemporâneo.
https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/9290/2/LARISSA_LEAL_MOURA.pdf

NeuroSaber (2020). Quais os níveis de intensidade do autismo?. *Instituto NeuroSaber*.
<https://institutoneurosaber.com.br/quais-os-niveis-de-intensidade-no-autismo/>

NeuroSaber, (2020). Qual a diferença entre autismo leve e autismo de alto funcionamento?.
Instituto NeuroSaber.
<https://institutoneurosaber.com.br/qual-diferenca-entre-autismo-leve-e-autismo-de-alto-funcionamento/>

Oliveira, W. F. (2009). Éticas em conflito: reforma psiquiátrica e lógica manicomial.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68473/41252>

Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 22(1).
<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000100005>

Saval, A. C. R., (2018). Transtorno do Espectro Autista: do conceito ao processo terapêutico.
In M. Dias (Org). 20(1). FCEE.

Souza, J. C., (2004). Atuação do Psicólogo frente aos Transtornos Globais do Desenvolvimento Infantil. In L. L. Fraga, M. R. de Oliveira, M. S. Buchara, N. C. Stralotto, S. P. do Rosário & T. M. Rezende (Orgs). *Psicologia, ciência e profissão*. 24(2) (pp. 24-31).

Souza, L. K. & McCarthy, (2010). Ritos de passagem da adolescência à vida adulta. *Revista Institucional de Psicologia*. 3(2) (pp. 124-135)
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202010000200003

Steffens, S. R., (2018). Síndrome do ninho vazio: sentimento das mães em relação a saída dos filhos de suas casas. *Anuário de Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste*.
<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/19674/10443>

Teodoro, M. C. (2018). Conceituação, propostas de intervenção e contribuições das terapias cognitivas para o transtorno do espectro autista de alto funcionamento: revisão integrativa da literatura. <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.752>